

## IMAGINÁRIO E HISTÓRIA EM *MONSIEUR TOUSSAINT*, DE ÉDOUARD GLISSANT

Maria Helena Valentim Duca Oyama (UFRR)<sup>1</sup>

**Resumo:** Esta comunicação tem o objetivo de discutir brevemente o imaginário presente na obra teatral glissantiana intitulada *Monsieur Toussaint*, publicada em 1961. Esta obra põe em evidência o personagem histórico Toussaint Louverture, líder da Revolução de *Saint Domingue*, que culminou com a independência do atual Haiti, em 1804. Observa-se principalmente a relação dos fatos históricos e políticos da ilha com a ficção.

**Palavras-chave:** Imaginário; Haiti; Toussaint Louverture.

Como se pode restituir a(s) história(s) dos afrodescendentes ocultada(s) deliberadamente pela História, no âmbito da América Latina e mais precisamente no da região caribenha? E como fazê-lo diante de populações escravas a quem foram negadas as condições básicas de moradia e de educação após o período da escravidão? Édouard Glissant, ficcionista, poeta, ensaísta e dramaturgo da Martinica, propõe estimular o que chamou de "visão profética do passado", ou seja, a busca de uma poética que dê conta da reconstrução das histórias rasuradas a partir da travessia do Atlântico dos africanos transplantados para a região caribenha, a "poética da Relação", que seria uma forma de diálogo que atravessa histórias e imaginários em torno de acontecimentos marcantes da região em tela. Esta comunicação tem o objetivo de discutir o imaginário presente na obra teatral glissantiana intitulada *Monsieur Toussaint*, escrita em 1960. Esta obra põe em evidência o personagem histórico Toussaint Louverture, líder da Revolução de *Saint Domingue*, que culminou com a independência do atual Haiti, em 1804. Trata-se de uma figura emblemática para o pequeno país que ainda hoje sofre as consequências de diversas lutas pela igualdade de direitos. Toussaint Louverture foi tratado hora como sanguinário, ora como mártir em outras obras literárias de outros escritores caribenhos, como o também martinicano Aimé Césaire, com a obra também dramaturga *La tragédie du roi Christophe* (1960), e o cubano Alejo Carpentier, com *El reino de este mundo* (1949), com quem se estabeleceu um diálogo buscando convergências que passam pelas condições históricas de busca de identidade cultural e também econômica para aquela região.

Neste sentido, Glissant defendeu a necessidade de se criar uma consciência coletiva

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (UFF), contato: mariahelena.oyama@ufrr.br

que se concretizaria com a tentativa de instruir repetitivamente o povo refém da História, com H, a História oficial. Para pensar as possíveis formas identitárias, será discutida também a crítica que Glissant faz ao líder do passado visando ao líder do presente no contexto em que a peça foi escrita, Aimé Césaire, então deputado martinicano na França, a autoridade que aceitou a Lei de Departamentalização da Martinica junto à metrópole, em 1946. Glissant propõe que só uma reflexão coletiva pode levar a uma saída, o que teria de passar forçosamente pelo reconhecimento de uma identidade marcada pela heterogeneidade, pela convergência de várias matrizes. Na peça, o personagem Toussaint Louverture retoma o caminho das suas decisões em diálogo com outros personagens igualmente históricos, o que possibilita a reconstrução de cenários específicos da cela onde o personagem foi historicamente encarcerado na obra e na História, em um calabouço francês.

Glissant escreve *Monsieur Toussaint* em 1961 e atribui suas reflexões em torno da problemática antilhana como a “antilhanidade”. Ele conheceu a realidade histórica haitiana numa resenha de *El reino de este mundo*, como se pode observar no texto “Alejo Carpentier et l’autre Amérique”, publicada em março de 1956 e que faz parte da sua coletânea de ensaios *Intention Poétique* (1969). Ao retomar a história dos heróis da revolução de *Saint Domingue*, antes mesmo de Césaire, com a *Tragédie du roi Christophe* (1963), ele se apropria da história do Haiti, que é talvez a história maior das Américas, que é a independência de uma ex-colônia da França.

Também parece ser significativo que seus primeiros romances, *La Lézarde* e *Le Quatrième Siècle*, tratem de uma temática particular da Martinica mas que pode ser aplicada a todas as ilhas pela própria formação populacional histórica das ilhas.

Glissant tinha consciência de que era necessário dar tempo para a descolonização do imaginário dos antilhanos que sofreram séculos de dominação. Patrick Chamoiseau, Jean Bernabé e Raphaël Confiant, seguem sua reflexão proclamando-se “crioulos” no *Éloge de la Créolité* (1989). Neste texto, eles retomam as reflexões de Glissant sobre a antilhanidade e a negritude de Césaire, e propõem a criouldade: “Nem Europeus, nem Africanos, nem Asiáticos, nós nos proclamamos Crioulos. Isso será para nós uma atitude interior, ou melhor: uma vigilância, ou, ainda, uma espécie de invólucro mental em cujo interior se construirá nosso lugar em plena consciência do mundo” (CHAMOISEAU, BERNABÉ, CONFIENT, 1989). Deste texto

emergiu o conceito de criouldade que visa abarcar o conceito de americanidade. Para estes escritores, que na época viam a civilização caribenha ainda “balbuciente e imóvel”, a criouldade é o *agregado interacional ou transacional* dos elementos culturais caríbas, europeus, africanos, asiáticos e levantinos que o jugo da história reuniu sobre o mesmo solo. Durante três séculos, as ilhas e as áreas do continente que esse fenômeno afetou foram verdadeiras forjas de uma humanidade nova, onde línguas, raças, religiões, costumes, maneiras de ser de todas as faces do mundo, encontraram-se brutalmente desterritorializadas, transplantadas em um contexto onde tiveram que reinventar a vida. (CHAMOISEAU, BERNABÉ, CONFIANT, 1989).

O quadro de miséria do Haiti, no período de 1911 a 1920, levou os camponeses negros do norte da ilha a se revoltarem armados contra a opressão, mas, ao contrário do que se esperava, uma solução *interna* para os problemas *internos*, uma insólita decisão levou a famosa revolta dos *Cacos* a ser utilizada para justificar a entrada e permanência dos Estados Unidos (de 1915 a 1934), sob o emblema da intervenção militar na ilha, com o apoio de diversos governantes nativos.

Os americanos se impuseram no país de forma avassaladora ao massacrarem impiedosamente sua população e conseqüentemente sua auto-estima. A dissolução do exército nacional, a equiparação da moeda haitiana ao dólar, a realização, em nome do país, de empréstimo a juros exorbitantes, pagos para investidores americanos, a anulação da interdição da posse de terras por estrangeiros (estabelecida no século XIX) e a aceleração da expropriação das pequenas propriedades, foram alguns dos atos arbitrários que desrespeitaram a nação haitiana. A população camponesa, duramente reprimida, conseguiu reagir e mais uma vez, conseguiu desestimular os opressores culminando com a saída dos “marines”, em 1934.

As conseqüências desta ocupação foram desastrosas, com saldos de morte e de miséria. A “*traite verte*” (tráfico verde), como afirma René Depestre (1980), foi uma destas conseqüências. Consistia na emigração massiva de milhares de camponeses haitianos pobres e sem terras, para trabalhar nos campos de cana de açúcar de Cuba e da República Dominicana, em condições de trabalho desumanas:

Sous le Régime que la Révolution cubaine a détruit, on *zombifia* complètement l'émigrant haïtien. On en fit une bête, et on répandit sur son compte, (...) les légendes les plus aberrantes. Le vieux racisme recuit de l'ancienne société cubaine était ravi de trouver un bouc émissaire de choix en qui incarner sa propre bestialité, héritage de

l'esclavagisme espagnol, et qu'avec l'Amendement Platt le néo-colonialisme yankee s'empresse de faire fructifier. (DEPESTRE, 1989, p. 188-9)

Em 1957, o médico François Duvalier (Papa Doc), negro, surgiu disposto a administrar a nação à sua maneira, ou seja, manipulando o povo através do imaginário religioso. Dizendo-se sacerdote vodu, apresentou-se como candidato à presidência e conseguiu se eleger. Para a população negra e pobre, ele se propunha a lutar contra a opressão dos políticos, dos militares, dos proprietários de terras e dos comerciantes mulatos. Alimentou a discriminação racial, respaldando seu discurso nas teorias do século XIX sobre a reabilitação da raça negra, e conseguiu governar de 1957 a 1971. Também instaurou a presidência vitalícia e hereditária na década de 1960, o que permitiu que seu sucessor, o filho Jean-Claude Duvalier, permanecesse no poder até 1986: “Ditador anti-mulato e anti-comunista, submisso ao Departamento de Estado americano (...) ele era favorável à abertura da ilha aos dólares dos turistas americanos (ANTOINE, 1992). Baby Doc aprendeu rigorosamente as lições do pai e perpetuou o terror. Segundo Hurbon, Duvalier “aplicou as teses da ideologia racial e nazista na sociedade haitiana” (HURBON, 1988, p. 70), a ponto de criar a polícia secreta, em 1960, os famosos *Tonton Macoutes*. Eram policiais especiais que agiam brutalmente e eram mantidos pelo governo para perseguir, torturar e assassinar prisioneiros políticos. Por um longo período, segundo Hurbon, iniciaram “um genocídio haitiano”, um regime de terror que resultou na morte de mais de 30.000 haitianos. Ninguém podia se expressar, dar opiniões, uma vez que o governo criou a censura à imprensa. Como assinala Antoine, além dos mortos, um milhão de haitianos se exilaram.

A situação de turbulências continuou após a queda da ditadura dos Duvalier, em 1986. Vários governos interinos foram impostos, como o de Leslie Manigat (1988-1989), deposto por um golpe militar do general Henri Namphy (1989) até que Jean-Bertrand Aristide, um ex-padre católico representante da Teologia da Libertação, foi eleito pela grande maioria da população, em 1991 com a promessa de olhar para os pobres e reativar os direitos constitucionais. Revelou-se um líder negro carismático e democrático, o primeiro após 1804, tendo sido o presidente que teve a maior sustentação popular.

Também sofreu um golpe militar, saiu do país no mesmo ano. Raoul Cedras, líder do golpe, dissolveu os partidos políticos e promoveu mais uma turbulência no país

que, sofreu sanções econômicas ditadas pelas Nações Unidas em 1993. Como todo trajeto trágico feito pela “intromissão” americana, as forças armadas dos Estados Unidos invadiram a ilha em 1994, com a justificativa de restaurar o sistema eleitoral democrático. Raoul Cedras e sua família se exilaram no Panamá e Jean-Bertrand Aristide voltou ao poder, mas paradoxalmente retomou as práticas políticas ditatoriais, provocando em 1995, ações de milícias nos bairros de Porto Príncipe, onde se registram constantes assassinatos.

A partir do ano 2000, o Haiti continuou a mostrar o percurso do trágico ao ser declarado o país mais pobre do mundo devido ao desemprego, ao analfabetismo e principalmente aos índices de violência na capital. O presidente Jean-Bertrand Aristide fugiu para a África e o país foi ocupado pelas “forças de paz” da ONU formadas por exércitos de vários países, inclusive do Brasil.

Paradoxalmente, o país teve que se manifestar com relação às comemorações do bicentenário da sua independência nacional, em 2004. Mesmo com tantas turbulências, o povo relembrou a luta heróica de Toussaint Louverture, Jean-Jacques Dessalines e de Henri Christophe. René Préval, ex-aliado de Jean-Bertrand Aristide, decidiu lançar-se às eleições presidenciais em 2006 e conseguiu ser eleito presidente do Haiti, em primeiro turno. Apresentou-se como o homem que poderia reerguer o país.

As soluções parecem estar na reestruturação não apenas político-administrativa do país, mas também na reconstrução do imaginário a partir das próprias turbulências vividas pelo povo, na prática. É o que estão fazendo os escritores haitianos exilados no Canadá, nos Estados Unidos e na Europa, segundo o próprio Depestre.

Glissant faz uma análise de Toussaint como um homem comum, que comete erros e tenta corrigi-los. Não seria exagerado afirmar que a peça como um todo, pode ser considerada uma *Huit Clos*, de Sartre, voltada, entretanto, para o Caribe e mais especificamente para o mundo colonial. Glissant mesmo afirma que escolheu fazer o que ele próprio afirmou ser “uma visão profética do passado” (GLISSANT, 1961, p.7), ou seja, uma tentativa de resgatar a história de Toussaint a partir de sua prisão. Considera que seu intento é uma ambição poética, visto que a história oficial pára de registrar os fatos a partir da prisão do líder negro, em 1802 e registra sua morte, em 1803, abandonado, no calabouço do forte Joux, na França.

A peça está organizada em dois tempos e em dois espaços. Há o espaço da ilha, *Saint-Domingue*, onde se passam os levantes, as rebeliões, e o espaço da França, lugar do exílio do herói. No entanto, não há fronteiras, no desenrolar das cenas entre o

universo da prisão e a ilha natal. Os personagens são predominantemente históricos, mas o autor sugere que aquelas que não o são representam o que teriam sido no real, ou o “que eles foram de fato – com outros nomes.”

A peça se subdivide em quatro atos intitulados: “les dieux”, “les morts”, “le peuple” e “les héros”. Além de Toussaint Louverture, descrito na apresentação como o herói da Revolução de *Saint-Domingue*, Glissant mantém o escravo manco Mackandal, Delgrès (coronel na Guadalupe), Moïse (*sic*), sobrinho de Toussaint, Dessalines (apresentado como o libertador do Haiti), Christophe, como um tenente subordinado à Toussaint, e outros. Alguns personagens fictícios exercem grande influência sobre Toussaint na peça: Maman Dio, mãe de santo do vodu e Madame Toussaint, que recebe o nome de Suzanne-Simone.

Em “Les dieux”, há o questionamento da traição de Toussaint Louverture bem como sua opção pela religião católica. O personagem que questiona Toussaint Louverture é seu antigo dono, Libertat Bréda, que lhe deu a liberdade, e a educação: “Tu as trahi ta patrie, combattu avec les Espagnols.” Toussaint é firme na sua resposta:

Ma patrie? Trahir est votre privilège, un esclave ne trahit pas. Sa seule science, son refuge, c’est le néant et la stupidité. Alors on l’avoue pour une bête. Le gouvernement refusait la liberté générale. Les colons respiraient une autre royauté. Ils désertaient pour conserver leurs bêtes, j’ai marronné pour défendre des hommes. Lequel trahit, monsieur Libertat? (GLISSANT, 1961, p. 44)

O conflito com a religião é tratado por Maman Dio, sacerdotiza do vodu que tenta convencer Toussaint Louverture de que suas raízes africanas são mais fortes que as católicas:

Car il est rapide comme Ogoun!  
Il est fort comme Ogoun guerrier.  
Il prend l’éclair et il le déchire.  
Toussaint adore le dieu des Blancs  
Mais dans son coeur Ogoun est puissant!  
Quand on le frappe on tombe mort,  
Les fusils se cassent devant lui,  
O Toussaint, les loas boivent dans tes yeux  
O Toussaint papa Maréchal des Tempêtes,  
Quand reviendras-tu dans la forêt?  
Ne vois-tu pas le sang du porc et le sabre?  
Ne vois-tu pas que nous volons autour de  
toi?

(GLISSANT, 1961, p.55)

Já a poética da volta ao passado, de Glissant, aponta para a possibilidade de corrigir falhas no presente e no futuro. Assim, o Toussaint de *Glissant* tem a chance de fazer o que Christophe não fez: conversar com o povo, ouvir as bases e se restabelecer em relação como um sujeito rizomático, sem restabelecer a raiz única.

Na peça, percebemos que as reflexões em torno de Toussaint aplicam-se igualmente a Césaire como um dos responsáveis pela Lei de Departamentalização da Martinica, ocorrida em 1946 e amplamente criticada por Glissant, por ter optado, na prática, pela dependência econômica francesa e não por incentivar a sobrevivência da ilha pelo esforço dos povos implicados. Na peça, Glissant mostra que o povo deve se assumir sua condição de colonizado, de transplantado, mas também como elementos de uma cultura crioula, tanto pela língua quanto pela diversidade cultural que lhe foi impressa. Só assumindo suas heranças, sua condição crioula é que este povo pode construir algo novo. Neste sentido, o Toussaint de Glissant é construído como um dirigente confuso, certo, mas no final, rende-se à sua condição crioula, mensagem da antilhanidade, da crioulação que, ao revelarem a diversidade, a heterogeneidade da região caribenha e do continente americano, possibilitaram novas relações culturais entre o Velho e o Novo Mundo.

#### Referências:

ANTOINE, Régis. *La littérature franco-antillaise. Haiti, Guadeloupe et Martinique*. Paris: Éditions Karthala, 1992.

CARPENTIER, Alejo. *El reino de este mundo*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 1972. [1949]

CHAMOISEAU, Patrick; BERNABÉ, Jean; CONFIANT, Raphaël. *Elogio da crioulaidade*. Trad. Magdala Viana. Dispon. em [http://www.palavrarte.com/equipe/equipe\\_mfvianna\\_prod\\_acad.htm#\\_ftnref1](http://www.palavrarte.com/equipe/equipe_mfvianna_prod_acad.htm#_ftnref1) (acesso em 16/03/2009).

GLISSANT, Édouard. *L'Intention Poétique*. Paris: Seuil 1969.

\_\_\_\_\_. *Monsieur Toussaint*. Paris: Seuil, 1961.

\_\_\_\_\_. *Poétique de la Relation*. Paris: Seuil, 1990.

HURBON, Laënnec. *Le barbare imaginaire*. Paris: Les éditions du Cerf, 1988.

WHITE, Hayden. “As ficções da representação factual” In.: *Trópicos do discurso*. Trad. de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: EdUSP, 1994. (Ensaio de Cultura)

